

BREVEMENTE  
EM FILME  
NA  
**NETFLIX**

# A OUTRA MULHER

TODOS OS  
CASAMENTOS TÊM  
OS SEUS SEGREDOS.



## MARY KUBICA

MAIS DE 2 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

**TOP  
SEL  
LER**

«Impossível de pousar.»  
**KIRKUS REVIEWS**

«O melhor livro de Mary Kubica.»  
**CAROLINE KEPNES**, autora de *Tu*

Para a Michelle e a Sara

## SADIE

Passa-se qualquer coisa com a casa. Algo que me incomoda, que me faz sentir desconfortável, embora não consiga identificar o que seja. Por fora, é absolutamente idílica, cinzenta com um alpendre coberto que ocupa toda a largura da fachada. É quadrada e grande, uma típica casa pós-vitoriana, com janelas alinhadas em fileiras, simétricas de uma forma que considero agradável à vista. A rua em si é encantadora, inclinada e ladeada por árvores, todas elas belas e bem tratadas.

À primeira vista, não há nada de que não se goste. Mas sei que não se deve levar as coisas pela aparência. Não ajuda que o dia, tal como a casa, se apresente cinzento. Se houvesse sol, talvez sentisse algo diferente.

— Aquela — digo ao Will, apontando para lá por ser idêntica à da fotografia entregue ao Will pelo executor da propriedade. Ele foi de avião na semana passada a Portland para tratar da papelada. Depois, voou de volta, para podermos vir juntos de carro. Na altura, não teve tempo para ver a casa.

O Will para e encosta. Eu e ele inclinamo-nos para a frente nos nossos assentos exatamente ao mesmo tempo, para absorver o que vemos, tal como os rapazes no banco de trás. Ninguém fala, pelo menos de início, até o Tate dizer que a casa é «gigantesca» — enfatizando muito a palavra, como por norma fazem os miúdos de 7 anos —, e o Will ri-se, alegre por alguém, além dele, ver as vantagens da nossa mudança para o Maine.

A casa não é gigantesca, nem por sombras, mas é-o em comparação com um apartamento de 110 metros quadrados, em especial porque conta com um jardim. O Tate nunca teve um jardim só para si.

O Will acelera suavemente para subir a rampa de entrada. Assim que estaciona, saímos — alguns mais depressa do que outros, apesar de ninguém ganhar às cadelas — e esticamos as pernas, gratos, quanto mais não seja por a longa viagem ter terminado. O ar no exterior é diferente daquele a que estou habituada, impregnado com o odor a terra húmida, mar salgado e floresta. Não cheira nada à nossa casa. A rua é sossegada de uma forma que não me agrada. Um sossego fantasmagórico, um sossego perturbador, e de pronto recordo a noção de que há segurança nos números. Que é menos provável que ocorram más situações entre multidões. Há uma noção errada de que a vida rural é melhor e mais segura do que a urbana e, no entanto, simplesmente não é verdade. Não, quando se leva em conta a quantidade desproporcional de pessoas que vivem nas cidades, o sistema de saúde desadequado nas zonas rurais.

Vejo o Will a avançar para os degraus do alpendre, com as cadelas a correr ao seu lado, ultrapassando-o. Não se sente relutante como eu. Avança com um ar pomposo, ansioso por entrar e verificar as coisas. Sinto-me ressentida por causa disso, por não ter desejado vir.

Na base dos degraus, ele hesita, só então consciente de que não o acompanho. Vira-se para mim, ainda parada junto ao carro, e pergunta:

— Está tudo bem?

Não respondo por não me sentir segura de que esteja tudo bem.

O Tate desata imediatamente a correr atrás do Will, mas o Otto, com os seus 14 anos, deixa-se ficar junto a mim, também relutante. Sempre fomos tão parecidos...

— Sadie — diz o Will, alterando a pergunta para: —, não vens?

Diz-me que está frio no exterior, algo de que eu não me apercebera porque a minha concentração incidia noutras coisas, como o modo como as árvores em redor da casa são imponentes a ponto de bloquearem a luz. E como a rua íngreme deveria ser perigosamente escorregadia ao nevar. Está um homem parado no cimo da colina, no seu relvado, com um ancinho na mão. Parou de trabalhar e está apoiado no cabo, a observar-me, acho. Ergo uma mão e aceno, aquilo

que deve fazer um bom vizinho. Ele não acena. Vira costas e volta a varrer as folhas. O meu olhar regressa ao Will, que nada diz ao homem. Por certo que, tal como eu, também o viu.

— Vamos — acaba por dizer o Will. Vira-se e sobe os degraus com o Tate ao seu lado. — Toca a entrar.

À porta da entrada, o Will leva a mão ao bolso e pega nas chaves da casa. Primeiro bate, mas não espera por autorização para entrar. À medida que destranca e empurra a porta, o Otto afasta-se de mim, deixando-me para trás. Também avanço, apenas por não querer ficar sozinha na rua.

Lá dentro, descobrimos que a casa é antiga, com detalhes como painéis de mogno, cortinados pesados, tetos em latão, paredes acastanhadas e verde-musgo. É escura, triste.

Amontoamo-nos na entrada e avaliamos a casa, uma planta tradicional no rés do chão com divisões bem definidas. O mobiliário é formal e pouco acolhedor.

A minha atenção perde-se nas pernas curvas da mesa da sala de jantar. No candelabro manchado que a coroa. Nos assentos de cadeiras amarelecidos. Mal a vejo parada no cimo das escadas. Se não fosse um ligeiro movimento detetado pelo canto do olho, poderia nunca a ter visto. Mas ali está ela, uma figura taciturna vestida de preto. Calças de ganga pretas, blusa preta, pés descalços. O cabelo é preto, comprido, com uma franja aberta ao meio. Os olhos estão realçados com *eyeliner* grosso preto. Tudo preto, à exceção das letras brancas na blusa, onde se lê «Eu quero morrer». No septo do seu nariz tem um *piercing*. A sua pele, em contraste com tudo o resto, é branca, pálida, fantasmagórica. É magra.

O Tate também a vê. Afasta-se do Will e aproxima-se de mim, escondendo-se atrás, enterrando o rosto nas minhas costas. Não é nada do Tate assustar-se. Não é nada meu assustar-me e, no entanto, estou bem ciente de que os pelos da minha nuca se me eriçaram.

— Olá — digo, com uma voz débil.

O Will agora também a vê. O olhar dele incide nela; profere o nome dela. Começa a subir os degraus na direção dela e estes rangem sob os seus pés, protestando contra a nossa chegada.

— Imogen — diz ele, de braços abertos, contando, parece-me, que ela se deixe envolver num abraço. Mas não o faz, porque tem 16 anos e diante dela encontra-se um homem que mal conhece. Não a censuro por isso. E, no entanto, a rapariga taciturna e melancólica não é o que eu imaginara quando soubemos que nos foi dada a guarda de uma criança.

A voz dela é ácida quando fala, baixinho — nem sequer eleva a voz; não é preciso. O tom mudo é muito mais perturbador do que se gritasse.

— Foda-se, não te aproximes de mim — diz, descontraidamente.

Olha furiosamente sobre o corrimão. Involuntariamente, levo as mãos para trás das costas para tapar os ouvidos do Tate. O Will estaca, baixando os braços. Ele já a vira antes, na semana passada, quando aqui veio e se encontrou com o executor da propriedade. Foi então que assinou os documentos e tomou posse física dela, apesar de ter ficado estipulado que ela ficaria com uma amiga enquanto o Will, os rapazes e eu vínhamos de carro para cá.

— Porque é que tinham de vir? — pergunta a rapariga, com uma voz zangada.

O Will tenta explicar-lhe — a resposta é fácil, pois, se não fosse por nós, ela provavelmente teria entrado no sistema de famílias de acolhimento, onde ficaria até aos 18 anos, a não ser que lhe fosse concedida emancipação, o que na idade dela parece improvável —, mas o que ela procura não é uma resposta. Vira-lhe costas, desaparecendo num dos quartos do primeiro andar, onde a ouvimos a praguejar furiosamente. O Will faz tenções de a seguir, mas digo-lhe:

— Dá-lhe tempo.

E ele acata.

Esta rapariga não é a mesma miudinha que o Will nos mostrou numa fotografia. Uma morena sardenta despreocupada, com uns 6 anos. Esta rapariga é diferente, muito mudada. A passagem dos anos não lhe foi benéfica. Vem com a casa, apenas mais uma coisa que nos foi deixada no testamento, assim como as relíquias e valores que ainda permanecem no banco. Tem 16 anos, é quase capaz de tomar conta de si própria — um ponto discutível que tentei

argumentar, pois por certo terá uma amiga ou alguém conhecido que pudesse tomar conta dela até fazer 18 anos —, mas o Will recusou a ideia. Com a Alice morta, éramos tudo o que lhe restava, a sua única família, apesar de eu e ela nos estarmos a ver pela primeira vez. «Ela precisa de estar com a família», disse-me na altura o Will, apenas há uns dias, apesar de já me parecerem semanas. «Uma família que a ame e cuide dela. Está completamente sozinha, Sadie.» O meu instinto maternal entrou então em ação, pensando nesta criança órfã sozinha no mundo, sem ninguém à exceção de nós.

Eu não quis vir. Argumentei que ela deveria ir ter connosco. Mas havia muito a ter em conta, pelo que acabámos por vir, apesar da minha renitência.

Penso, e não pela primeira vez esta semana, que tipo de efeito desastroso terá esta mudança na nossa família. Não pode ser o «começar de novo» em que o Will tão auspiciosamente acredita.

## SADIE

*Sete semanas mais tarde...*

A sirene despertou-nos a dado momento a meio da noite. Ouvi-lhe o grito. Vi as luzes ofuscantes que jorraram pela janela do quarto enquanto o Will pegava nos óculos pousados na mesa de cabeceira e se sentava de repente na cama, ajustando-os no nariz.

— O que foi aquilo? — perguntou, sustendo a respiração, desorientado e confuso, e eu disse-lhe que era uma sirene. Permanecemos sentados em silêncio por um minuto, a ouvir o uivo a esmorecer ao longe, amansando, mas sem nunca se silenciar por completo. Ainda o ouvíamos, parou algures na rua pouco abaixo da nossa casa. — O que é que achas que aconteceu? — perguntou o Will, e só me ocorreu o casal de idosos a umas casas de distância, o homem que empurrava a mulher na cadeira de rodas rua acima e rua abaixo, apesar de mal conseguir andar. Ambos tinham cabelos brancos, rugas e as costas curvadas como o corcunda de Notre Dame. Ele sempre me pareceu cansado, como se talvez devesse ser ela a empurrar. Não ajudava em nada que a nossa rua fosse íngreme, um declive até ao mar lá em baixo.

— Os Nilssons — dissemos eu e o Will ao mesmo tempo, numa provável ausência de empatia no nosso tom, talvez devido ao facto de ser o que se espera das pessoas mais velhas. Magoam-se, ficam doentes, morrem.

— Que horas são? — perguntei ao Will, mas ele voltou a pousar os óculos na mesa de cabeceira e disse-me que não sabia, enquanto se aninhava mais a mim e me envolvia a cintura com um braço, eu sentindo o subconsciente a afastar o meu corpo do dele.

Adormecemos assim, esquecendo de pronto a sirene que nos arrancara dos sonhos.



De manhã, tomo um duche e visto-me, ainda cansada devido a uma noite com o sono interrompido. Os rapazes estão na cozinha, a tomar o pequeno-almoço. Ouço a agitação lá em baixo quando saio inquieta do quarto, uma estranha na casa por causa da Imogen. Porque a Imogen deixa-nos desconfortáveis, mesmo depois de todo este tempo.

Começo a percorrer o corredor. A porta da Imogen está entreaberta. Ela está lá dentro, o que me espanta porque a porta nunca se encontra aberta quando ela lá está. Não sabe que está aberta, que estou ali a observá-la. Está de costas para mim, inclinada para o espelho a passar o seu *eyeliner* preto nas pálpebras.

Espreito pela fresta, para o que está para lá daquela porta. As paredes são escuras, peçadas de imagens de artistas e bandas com um aspeto muito parecido com o dela, com o cabelo preto comprido e os olhos pretos, vestidos de preto. Uma coisa translúcida preta paira sobre a cama, uma espécie de dossel. A cama está por fazer, um edredão cinzento-escuro com pregas encontra-se caído no chão. As cortinas *blackout* estão bem cerradas, impedindo a luz de entrar. Vêm-me à ideia vampiros.

A Imogen acaba de aplicar o *eyeliner*. Põe-lhe a tampa, vira-se demasiado depressa e vê-me antes de eu conseguir recuar.

— O que é que queres, merda? — questiona, com a raiva e a vulgaridade da sua pergunta a furtarem-me o fôlego, embora eu não perceba porquê.

Não é propriamente a primeira vez que se dirige a mim nestes termos. Seria de pensar que já estaria habituada. A Imogen avança tão depressa para a porta que chego a pensar que vai bater-me, algo que nunca fez, mas a rapidez do seu movimento e a sua expressão levam-me a pensar que isso seria possível. Retraio-me, involuntariamente, recuando, e acaba por me fechar a porta na cara com estrondo. Sinto-me grata, por me ter batido com a porta na cara em vez de me ter batido a mim. A porta falha por milímetros o meu nariz.

Sinto o coração a bater intensamente. Fico parada no corredor, sem fôlego. Aclaro a garganta, tentando recuperar do choque. Avanço um passo, bato suavemente com os nós dos dedos na madeira e digo:

— Saio para apanhar o *ferry* daqui a uns minutos. Não sei se queres boleia — digo, sabendo de antemão que não aceitará a minha oferta. A minha voz soa atormentada de uma forma que desprezo. A Imogen não responde.

Viro-me e sigo o aroma do pequeno-almoço lá em baixo. O Will está junto ao fogão quando desço. Está ali de pé, a virar panquecas, de avental vestido, cantando uma das canções animadas dos CD que o Tate gosta de ouvir, algo demasiado feliz para as 7h15.

Para quando me vê.

— Estás bem? — pergunta.

— Ótima — respondo, com uma voz tensa.

As cadelas dão voltas aos pés do Will, na esperança de que ele deixe cair alguma coisa. São cadelas grandes e a cozinha é pequena. Não cabemos aqui os quatro, quanto mais seis. Chamo as cadelas e, quando se aproximam, mando-as brincar para o jardim das traseiras.

O Will sorri-me quando regresso e oferece-me um prato. Opto apenas por café, dizendo ao Otto que se despache. Está sentado à mesa da cozinha, curvado sobre as suas panquecas, ombros descaídos para a frente de uma maneira que o faz parecer mais pequeno. A sua falta de confiança inquieta-me, apesar de dizer a mim mesma que é normal para um rapaz de 14 anos. Todas as crianças passam por isto, mas questiono-me se será mesmo assim.

A Imogen entra com passos pesados na cozinha. As meias têm rasgões, tal como os joelhos das calças. Usa botas pretas da tropa, com um tacão de quase cinco centímetros. Mesmo sem as botas é mais alta do que eu. Usa uns brincos com crânios de corvos. Na t-shirt lê-se: «As pessoas normais são uma seca.» O Tate, na mesa, tenta dizê-lo em voz alta, tal como faz com todas as t-shirts estampadas da Imogen. Ele lê bem, mas ela não se aguenta tempo suficiente junto dele para conseguir ver tudo. A Imogen estende o braço para o puxador de um armário. Abre a porta, vasculhando o interior antes de a bater com força ao fechar.

— O que procuras? — pergunta o Will, sempre ansioso por agradar, mas a Imogen encontra o que procura, um *Kit Kat*, que desembrulha e trinca.

— Fiz pequeno-almoço — diz o Will.

Mas a Imogen, com os seus olhos azuis a passaram para lá do Otto e do Tate na mesa da cozinha, limita-se a dizer:

— Que bom para ti.

Vira-se e abandona a cozinha. Ouvimos as botas a pisar o chão de madeira. Ouvimos a porta da frente a abrir e a fechar, e só então, quando parte, é que consigo respirar.

Sirvo-me de café, enchendo uma caneca portátil antes de me esforçar por me esticar para lá do Will para pegar nas minhas coisas: as chaves e uma mala pousadas no balcão às quais não chego. Curva-se para me beijar antes de eu sair. Não é a minha intenção, mas é por instinto que hesito, que recuo face ao beijo dele.

— Estás bem? — volta a perguntar o Will, fitando-me com curiosidade, enquanto eu culpo uma náusea pela minha hesitação. Não é completamente mentira. Já lá vão meses desde o caso dele e, ainda assim, as suas mãos ainda me parecem lixa ao toque e, quando o faz, não consigo deixar de pensar onde terão andado antes.

«Vamos começar de novo», dissera ele, uma das muitas razões que encontrámos para nos mudarmos para esta casa no Maine, que pertencia à única irmã do Will, a Alice, antes de ter morrido. A Alice sofrera ao longo de muitos anos de fibromialgia, antes de os sintomas a terem vergado e ter decidido pôr fim à sua vida. A dor da fibromialgia é profunda. Espalha-se por todo o corpo e muitas vezes é acompanhada por um cansaço e fadiga incapacitantes. Do que ouvi e vi, a dor é intensa — umas vezes penetrante, outras latejante —, pior de manhã do que mais tarde, mas sem nunca desaparecer por completo. É uma doença silenciosa, dado que ninguém vê os sintomas. E, contudo, debilitante.

Houve apenas duas coisas a que a Alice pôde recorrer para fazer face à dor e à fadiga — uma corda e um banco. Mas não sem antes se reunir com um advogado e preparar um testamento, deixando a casa e tudo no seu interior ao Will. Deixando a sua filha ao Will.

A Imogen, de 16 anos, passa os seus dias a fazer sabe Deus o quê. Vai à escola, presumivelmente, pelo menos em parte do dia, pois só ocasionalmente recebemos chamadas a avisar para faltas. Mas não

faço ideia de como passará o resto do dia. Quando eu ou o Will perguntamos, ignora-nos ou tem algo sarcástico para dizer: que anda a combater o crime, a promover a paz mundial, a salvar a merda das baleias. «Merda» é uma das suas palavras preferidas. Usa-a com frequência.

O suicídio pode deixar sobreviventes como a Imogen a sentirem-se zangados e amargos, rejeitados, abandonados, carregados de raiva. Tentei ser compreensiva. Está a ser complicado.

Quando eram novos, o Will e a Alice eram chegados, mas com o passar dos anos foram-se afastando. Ele ficou transtornado com a morte dela, mas não ficou propriamente de luto. Para ser sincera, acho que se sentiu acima de tudo culpado: por ter sido negligente em manter o contacto, por não se ter envolvido na vida da Imogen e por nunca ter tido a verdadeira consciência da doença da Alice. Acha que as deixou desamparadas.

De início, quando soubemos da nossa herança, sugeri ao Will que vendêssemos a casa e levássemos a Imogen para Chicago para viver connosco, mas depois do que aconteceu em Chicago — não só o caso, mas tudo, *tudo* — foi a nossa oportunidade de um recomeço. Pelo menos, foi isso que o Will disse.

Vivemos aqui há menos de dois meses, pelo que ainda estamos a conhecer a região, apesar de rapidamente termos arranjado emprego, eu e o Will, ele como professor assistente a lecionar Ecologia Humana, duas vezes por semana, no continente.

Sendo eu um dos dois únicos médicos da ilha, praticamente pagaram-me para vir.

Desta vez, encosto os meus lábios à boca do Will, o meu bilhete de saída.

— Até logo — digo, chamando de novo o Otto para que se apresse, ou chegaremos atrasados. Pego nas minhas coisas e digo-lhe que espero no carro. — Dois minutos — aviso, sabendo que vai esticar os dois para cinco ou seis, como sempre faz.

Antes de sair, dou um beijo ao pequeno Tate. Põe-se em pé na cadeira, abraça-me pelo pescoço com os seus braços pegajosos e grita-me ao ouvido:

— Amo-te, mamã.

Algures dentro de mim o meu coração falha uma batida por saber que pelo menos um deles ainda me ama.

O meu carro está na rampa de entrada ao lado do três volumes do Will. Apesar de termos uma garagem anexa à casa, está atafalhada com caixas ainda por desempacotar.

O carro está coberto por uma fina camada de geada que assentou nos vidros durante a noite. Destranco a porta com o comando. Os faróis piscam; acende-se uma luz no interior.

Levo a mão ao puxador. Mas, antes de o puxar, vejo algo na janela que me detém — traços na geada que acamou no vidro. Começaram a derreter com o calor do sol matinal, suavizando nas extremidades. Mas, mesmo assim, ali estão. Aproximo-me. Ao fazê-lo, vejo que os traços afinal não são traços, mas letras desenhadas na geada, unindo-se para formar uma única palavra: «Morre.»

Levo de pronto a mão à boca. Não preciso de me esforçar muito para saber quem me deixou esta mensagem. A Imogen não nos quer cá. Quer que nos vamos embora.

Tentei ser compreensiva tendo em conta como deve ser horrível esta situação para ela. A sua vida ficou de pernas para o ar. Perdeu a mãe e agora tem de partilhar a casa com pessoas que não conhece. Mas isso não justifica que me ameace. Porque a Imogen não tem papas na língua. Fala a sério. Quer que eu morra.

Regresso a casa e, à porta, chamo pelo Will.

— O que é? — pergunta ele, vindo da cozinha. — Esqueceste-te de alguma coisa? — E inclina a cabeça para um lado, olhando para as minhas chaves, a minha mala e o meu café.

Não me esqueci de nada.

— Tens de ver uma coisa — digo, sussurrando para que os rapazes não ouçam.

O Will segue-me descalço, apesar de o piso estar bastante frio. A cerca de um metro do carro, aponto para aquilo, a palavra na geada da janela.

— Estás a ver? — pergunto, olhando para ele. O Will vê. Percebo pela sua expressão como fica prontamente perturbado, tal como eu.

— Merda — diz ele, porque, tal como eu, sabe quem escreveu aquilo. Coça a testa enquanto reflete. — Eu falo com ela.

— E de que vai servir isso? — pergunto.

Já falámos muitas vezes com a Imogen ao longo das últimas semanas. Discutimos o linguajar dela, em especial perto do Tate; a necessidade de uma hora de vir para casa; e outras tantas coisas. Apesar de ser mais falar *para* ela do que falar *com* ela, pois não se trata de uma conversa. É um sermão. Ela fica ali parada enquanto o Will ou eu falamos. Ela ouve, talvez. Raramente reage. Não interioriza nada e vai-se embora.

O Will fala baixinho.

— Não temos a certeza de que foi ela — frisa numa voz calma, lançando-me uma ideia que prefiro não considerar. — Não é possível — pergunta o Will — que alguém tenha deixado essa mensagem para o Otto?

— Achas que alguém deixou uma ameaça de morte na janela do meu carro para o nosso filho de 14 anos? — questiono, para o caso de o Will não ter percebido bem o significado da palavra «morre».

— É possível, não é?

Apesar de eu saber que sim, respondo-lhe:

— Não. — Digo-o com mais convicção na voz do que efetivamente o sinto, porque não quero acreditar. — Outra vez, não — insisto. — Deixámos tudo isso para trás quando nos mudámos.

Mas será que foi mesmo assim?

Não está absolutamente fora de hipótese que alguém esteja a ser mau com o Otto. Que ele ande a ser vítima de *bullying*. Já aconteceu antes. Pode voltar a acontecer.

— Se calhar, é melhor ligarmos à polícia — digo ao Will.

Mas ele abana a cabeça.

— Não, enquanto não soubermos quem o fez. Se for a Imogen, será mesmo preciso envolver a polícia? Não passa de uma miúda revoltada, Sadie. Está a sofrer, a disparar em todos os sentidos. Nunca faria nada para nos magoar.

— Não? — questiono, bem menos segura do que o Will.

A Imogen tornou-se outro pomo de discórdia no nosso casamento. Ela e o Will têm laços de sangue; há uma ligação entre eles que eu não tenho.

O Will não reage, pelo que continuo a argumentar:

— Will, independentemente de a quem se destina, não deixa de ser uma ameaça de *morte*. É uma coisa muito séria.

— Eu sei, eu sei — diz ele, espreitando por cima do ombro para assegurar que o Otto não sai. Apressa-se a dizer: — Mas, se envolvermos a polícia, Sadie, vai atrair as atenções sobre o Otto. Atenções indesejadas. Os miúdos vão olhá-lo de maneira diferente, se é que não o fazem já. Ele não vai ter hipóteses. Deixa-me ligar primeiro para a escola. Falar com o professor dele, o diretor, para ter a certeza de que o Otto não tem tido problemas. Sei que estás preocupada — diz, suavizando a voz ao estender o braço, passando uma mão reconfortante pelo meu braço. — Eu também estou — garante. — Mas podíamos fazer primeiro isto — pede —, antes de ligarmos para a polícia? E posso, pelo menos, ter uma conversa com a Imogen antes de assumirmos que foi ela?

Eis o Will. Como sempre, a voz da razão no nosso casamento.

— Está bem — concedo, admitindo que pode ter razão. Odeio pensar no Otto como um rejeitado numa escola nova, a ser vítima de *bullying*.

Mas também me custa pensar na animosidade que a Imogen nutre por nós. Temos de aprofundar este assunto sem levantar ondas.

— Mas, se voltar a acontecer, se algo do género voltar a acontecer — digo, afastando a mão da mala —, vamos à polícia.

— Combinado — concorda o Will, e beija-me na testa. — Vamos tratar disto — diz —, antes que a situação vá longe demais.

— Prometes? — peço, desejando que o Will possa estalar os dedos e melhorar tudo, assim sem mais nem menos.

— Prometo — responde, enquanto o vejo a subir os degraus para o interior da casa, desaparecendo para lá da porta. Passo a mão sobre as letras, limpando-a nas calças antes de entrar no carro frio. Ligo o motor e a geada derrete; vejo desaparecer os derradeiros traços da mensagem, embora vá permanecer comigo todo o dia.

Os minutos no mostrador do carro vão passando. Dois. Três. Olho fixamente para a porta de casa, à espera de que se abra, para que desta vez apareça o Otto, arrastando-se até ao carro com uma expressão indecifrável que não permite qualquer percepção do que se passa dentro da sua cabeça. Porque hoje em dia é a sua única expressão.

Dizem que os pais devem saber estas coisas — o que pensam os filhos —, mas não sabemos. Nem sempre. Nunca podemos saber ao certo o que passa pela cabeça de alguém.

E, no entanto, quando os filhos fazem más escolhas, os pais são os primeiros a ser culpados.

*Como é que eles não perceberam?*, questionam muitas vezes aqueles que criticam. *Como é que não deram pelos sinais de alerta?*

*Porque é que não prestavam atenção ao que faziam os filhos?* — É uma das minhas preferidas, pois implica que não estávamos atentos.

Só que eu estava.

Antes, o Otto era sossegado e introvertido. Gostava de desenhar, banda desenhada, essencialmente, com um carinho especial por *anime*, as personagens na moda com os seus cabelos rebeldes e os olhos descomunalmente grandes. Ele dava-lhes nomes, às imagens no seu bloco de desenho, e sonhava em criar um dia o seu próprio romance gráfico baseado nas aventuras de Asa e Ken.

Antes, o Otto tinha apenas um par de amigos — exatamente dois —, mas esses tratavam-me por «minha senhora». Quando iam lá jantar, levantavam os pratos. Deixavam os sapatos à porta. Os amigos do Otto eram amáveis. Eram educados.

O Otto saía-se bem na escola. Não era aluno de 5, mas «suficiente» bastava-lhe, e a mim e ao Will também. As notas dele andavam entre o 3 e o 4. Fazia os trabalhos de casa e entregava-os a tempo. Nunca adormecia nas aulas. Os professores gostavam dele, e só uma vez houve uma queixa: gostariam de ver o Otto a ser mais participativo.

Não menosprezei os sinais de alerta porque não os havia.

Agora, olho para a casa, à espera de que o Otto apareça. Ao fim de quatro minutos, os meus olhos desistem da porta da frente. Então,



algo me chama a atenção do lado de fora do carro. O Sr. Nilsson a empurrar a Sra. Nilsson na sua cadeira de rodas pela rua. O declive é íngreme; é preciso um grande esforço para agarrar os manípulos de borracha da cadeira. Caminha vagarosamente, mais apoiado nos calcanhares, como se fossem travões do carro e ele fosse sempre a usá-los rua fora.

Ainda nem são 7h30 e já estão ambos completamente arranjados, ele com calças de sarja e uma camisola, ela com uma espécie de conjunto tricotado todo em rosa-claro. O cabelo dela é encaracolado, muito bem entrançado e com laca, e penso nele, a envolver escrupulosamente cada madeixa de cabelo num rolo e a prender o gancho. Ela chama-se Poppy, acho eu. Ele será Charles. Ou George.

Mesmo em frente à nossa casa, o Sr. Nilsson faz uma curva na diagonal, seguindo para o lado da rua oposto ao nosso.

Enquanto o faz, mantém o olhar na traseira do meu carro, por onde o fumo do escape sai em nuvens.

De imediato, regressa-me à memória o som da sirene na noite passada, o grito esmorecente ao passar por nossa casa e a desaparecer algures ao fundo da rua.

Sem que eu perceba porquê, forma-se uma dor ligeira no fundo do meu estômago.

## SADIE

A viagem de carro desde o cais do *ferry* até à clínica é curta, apenas uma meia dúzia de quarteirões. Leva-me menos de cinco minutos desde que deixo o Otto e estaciono junto ao humilde edifício azul e baixo que em tempos foi uma habitação.

Visto de frente, ainda parece uma casa, embora a parte de trás seja mais larga do que alguma vez seria uma residência, anexada a um lar de idosos de custo reduzido, com acesso facilitado aos nossos serviços médicos. Há muito tempo, alguém doara a sua casa para montar a clínica. Anos mais tarde, o lar de idosos independente fora um acrescento.

No Estado do Maine há umas quatro mil ilhas. Eu não sabia disto antes de termos vindo para cá. Há uma escassez de médicos nas ilhas mais rurais, tal como esta. Muitos dos médicos mais velhos estão a entrar na reforma, deixando vagas que se revelam difíceis de preencher.

O isolamento da vida insular não é para todos, incluindo eu. Há algo de perturbador em saber que, quando parte o último *ferry* da noite, ficamos praticamente encurralados. Mesmo durante o dia, a terra é rochosa nos seus limites, rodeada de pinheiros altos que a tornam sufocante e pequena. Quando o inverno chega, o que está para breve, o clima duro obriga a fechar grande parte da ilha, e a baía à nossa volta pode congelar, prendendo-nos aqui.

Eu e o Will recebemos a nossa casa como oferta, e tivemos direito a uma redução nos impostos por eu trabalhar na clínica. Eu recusei a ideia, mas o Will aceitou, apesar de não estarmos a precisar de dinheiro. A minha formação é em emergência médica. Não sou especializada em clínica geral, apesar de ter uma licença temporária enquanto durar o processo de certificação completa no Maine.

Lá dentro, o edifício azul já não se assemelha a uma casa. Foram erigidas e derrubadas paredes para criar um balcão de receção, salas de consultas, um *lobby*. O edifício tem um cheiro próprio, algo pesado e húmido. Cola-se a mim mesmo depois de eu sair. O Will também o sente. Não ajuda que a Emma, a rececionista, seja fumadora, consumindo cerca de um maço de cigarros por dia. Apesar de ela fumar na rua, partilhamos o mesmo cabide para pendurar os casacos.

Há noites em que o Will me fita com curiosidade, depois de eu chegar a casa, e pergunta: «Estiveste a fumar?» Bem podia ser verdade, tendo em conta o cheiro a nicotina e tabaco que me segue até casa.

«É claro que não», respondo-lhe. «Sabes bem que não fumo», e lembro-lhe da Emma.

«Deixa o casaco lá fora. Eu lavo-o», disse-me o Will imensas vezes.

Assim faço e ele lava, mas de nada vale porque no dia seguinte tudo se repete.

Hoje, entro na clínica e deparo-me com a Joyce, a chefe das enfermeiras, e a Emma à minha espera.

— Está atrasada — informa-me a Joyce, mas, se estou, será apenas um minuto. A Joyce deve ter uns 65 anos, está perto da reforma, e é algo velhaca. Já aqui trabalha há muito mais tempo do que eu ou a Emma, o que faz dela a chefona da clínica, pelo menos na cabeça dela. — Lá de onde veio não lhe ensinaram o que é a pontualidade? — questiona.

Passo por ela e dou início ao meu dia.

Umás horas mais tarde, estou com uma paciente quando me surge o rosto do Will no ecrã do telemóvel a um metro e meio de mim. Está em silêncio. Não ouço o telemóvel a tocar, apesar de o nome do Will surgir acima da fotografia dele: o rosto atraente e cinzelado, os olhos castanho-claros brilhantes. É bonito, de cortar a respiração, e acho que, em parte, se deve aos olhos. Ou talvez ao facto de aos 40 anos ainda passar por uns 25. O Will usa o seu comprido cabelo preto preso atrás num puxo baixo que se está a tornar cada vez mais popular, dando-lhe um ar intelectual e *hipster* que os seus alunos parecem apreciar.

Ignoro a imagem do Will no telemóvel e atendo a minha paciente, uma mulher de 43 anos que tem febre, dores no peito e tosse. Bronquite, sem dúvida, mas nem por isso deixo de encostar o estetoscópio aos seus pulmões para confirmar.

Antes de vir para aqui, exerci durante anos medicina nas urgências. Num hospital universitário de topo no coração de Chicago, ia para todos os turnos sem fazer ideia do que poderia aparecer, e todos os pacientes estavam perturbados. Vítimas de choques em cadeia, mulheres com hemorragias depois de um parto caseiro, homens com 130 quilos em plena crise psicótica. Era tenso e dramático. Lá, num estado de alerta constante, sentia-me viva.

Aqui, é muito diferente. Aqui, todos os dias sei o que me espera, a mesma rotação de bronquites, diarreias e verrugas.

Quando, por fim, me surge a oportunidade de devolver a chamada ao Will, reparo que a sua voz se apresenta algo tensa.

— Sadie — diz ele, e, pelo modo como profere as palavras, sei que se passa algo de errado.

Não diz mais nada, e a minha mente começa a engendrar cenários sobre o que não quer contar. Penso no Otto e no modo como o deixei no terminal do *ferry* de manhã. Chegámos lá mesmo a tempo, um ou dois minutos antes de o *ferry* partir. Acenei para me despedir, com o meu carro em ponto-morto a uns 30 metros do barco, vendo o Otto arrastar-se para mais um dia de escola.

Foi então que o meu olhar deu com a Imogen, parada na beira do cais, com as amigas. A Imogen é uma rapariga linda. Não há como negá-lo. Tem a pele naturalmente clara; não precisa de se cobrir de pó de talco, como terão de fazer as amigas delas, para ficar com aquele ar pálido. Já o *piercing* no nariz não é algo a que uma pessoa se habitue logo. Os olhos, em contraste com a pele, são de um azul gélido, e as sobrancelhas por arranjar denunciam a verdadeira cor do seu cabelo. A Imogen evita o batom escuro e carregado que as outras raparigas gostam de usar, optando antes por um bege-rosado de bom gosto. Na verdade, é bem bonito.

O Otto nunca viveu tão perto de uma rapariga. Deixou-se levar pela curiosidade. Os dois não conversam muito, não mais do que

eu e a Imogen falamos. Ela não vai connosco de carro para o cais do *ferry*; não fala com ele na escola. Tanto quanto sei, não interage com ele quando vão e vêm da escola. As interações são breves. Por exemplo, ontem à noite o Otto estava na mesa da cozinha a fazer os trabalhos de casa, e a Imogen passou, viu o caderno dele, reparou no nome na capa e comentou: «O professor Jansen é um idiota de merda.»

O Otto ficou a olhar de olhos arregalados. A palavra «merda» ainda não consta do seu repertório. Mas calculo que seja apenas uma questão de tempo.

Esta manhã, a Imogen e as amigas estavam na beira do cais, a fumar cigarros. O fumo rodeava-lhes as cabeças, vagueando branco no ar gelado. Vi a Imogen a levar um cigarro à boca, a inalar profundamente com a sabedoria de alguém que já o fizera muitas vezes, que sabia o que estava a fazer. Susteve o fumo e exalou lentamente, e, ao fazê-lo, tive a certeza de que me viu.

Será que me viu sentada no carro a observá-la?

Ou estaria simplesmente a olhar para o vazio?

Estava de tal maneira focada na Imogen que, agora que penso nisso, nem reparei se o Otto embarcou no *ferry*. Simplesmente, parti do princípio de que sim.

— É o Otto — digo, em voz alta, ao mesmo tempo que o Will diz:

— Não foram os Nilssons.

De início, não entendo o que quer dizer com aquilo. O que tem o Otto que ver com o casal de idosos que vive na nossa rua?

— O que é que têm os Nilssons? — questiono, mas a minha mente sente dificuldade em lá chegar, porque, ao perceber subitamente que não vi o Otto a embarcar no *ferry*, só consigo pensar nele sentado na única cadeira em frente ao gabinete do diretor com algemas nos pulsos, um agente da polícia parado a um metro, a vigiá-lo. No canto da secretária do diretor, um saco de provas, embora eu não consiga ver o que contém.

«Sr. e Sra. Foust», disse-nos o diretor naquele dia e, pela primeira vez na vida, tentei um golpe. «Dra.», corrija-o, com uma expressão

impassível, enquanto eu e o Will nos mantínhamos atrás do Otto, o Will a pousar uma mão no ombro do filho para que este soubesse que, independentemente do que tivesse feito, o apoiáramos.

Não percebi se foi imaginação minha, mas pareceu-me ver o polícia a fazer um sorriso malicioso.

— A sirene, na noite passada — explica-me agora o Will, ao telefone, puxando-me de volta para o presente. Aquilo fora antes, recordo a mim mesma, e isto é o agora. O que aconteceu ao Otto em Chicago ficou no passado. Acabado. — Afinal, não foram os Nilssons. Os Nilssons estão ótimos. Foi a Morgan.

— A Morgan Baines? — questiono, embora isso nem faça sentido. Não há outra Morgan no nosso bairro, tanto quanto sei.

A Morgan Baines é uma vizinha com quem nunca falei, ao contrário do Will. Ela e a família vivem um pouco mais acima na nossa rua numa casa não muito diferente da nossa; a Morgan, o marido e uma filha pequena. Por viverem no cimo da colina, eu e o Will muitas vezes especulámos que teriam uma vista espetacular para o mar — 360 graus da nossa pequena ilha e do oceano que nos rodeia.

Até que um dia o Will descaiu-se e disse-me que tinham mesmo. Uma vista. Espetacular.

Tentei não me sentir insegura. Disse a mim mesma que o Will não teria admitido ter estado no interior da casa se se passasse algo entre eles. Mas o Will tem um passado com outras mulheres; tem um historial. Há um ano teria dito que o Will nunca me trairia. Mas agora já não poderia ser tão perentória.

— Sim, Sadie — disse o Will. — A Morgan Baines. — E só então me veio à mente o rosto dela, apesar de nunca a ter visto ao perto. Apenas ao longe. Cabelo comprido, da cor de leite achocolatado, e franjas, daquelas bastante compridas, que passam a vida presas atrás das orelhas.

— O que aconteceu? — pergunto quando encontro um lugar para me sentar. — Está tudo bem?

Interrogo-me se a Morgan será diabética, se será asmática, se sofrerá de uma doença autoimune que desencadearia uma viagem a meio da noite às urgências. Aqui, há apenas dois médicos, eu e a

minha colega, a Dra. Sanders. Na noite passada era ela quem estava de prevenção, e não eu.

Não há técnicos de emergência médica na ilha, apenas agentes da polícia que sabem conduzir uma ambulância e que têm treino básico de primeiros socorros. Também não há hospitais e, portanto, um barco de salvamento teria de ser chamado do continente para ir ter com a ambulância ao cais para levar a Morgan para ser tratada, enquanto outra aguardava na margem para a terceira etapa do transporte.

Penso no tempo que levaria no total. O que me constou é que o sistema trabalha como uma máquina bem oleada, mas, mesmo assim, são quase cinco quilómetros até ao continente. Esses barcos de salvamento dependem das condições do mar para andarem depressa.

Mas isto são apenas pensamentos catastróficos, com a minha mente a ruminar nos piores cenários.

— Ela está bem, Will? — pergunto, porque até agora ele nada disse.

— Não, Sadie — responde, como se eu devesse saber que está tudo mal. A resposta dele é cortante. Seca. E depois não diz mais nada.

— Bem, o que é que aconteceu? — insisto.

Ele inspira fundo e conta-me.

— Morreu.

Se a minha reação é de apatia, deve-se unicamente ao facto de a morte e morrer fazerem parte da minha rotina quotidiana. Já vi todas as coisas inimagináveis que há para ver, e nem sequer conhecia a Morgan Baines. Nunca interagimos, com a exceção de um único aceno pela janela enquanto conduzia lentamente junto à casa dela e ela ali estava, a prender o cabelo atrás das orelhas, antes de retribuir o gesto. Pensei naquilo muito mais tarde, analisando excessivamente como é mania minha. Pensei na expressão dela. Se de facto o aceno era para mim ou se estava apenas a franzir o sobrolho a outra coisa.

— Morreu? — pergunto agora. — Morreu como?

E, quando o Will começa a chorar do outro lado da linha, diz:

— Eles dizem que foi assassinada.

— Eles? Eles, quem?

— As pessoas, Sadie — responde. — Toda a gente. Não se fala de outra coisa na vila.

E, ao abrir a porta para a sala de consultas e entrar no *hall*, constato que é verdade. Que os pacientes na sala de espera conversam profundamente sobre o homicídio, fitando-me com lágrimas nos olhos e perguntando se ouvi as notícias.

— Um homicídio! Na nossa ilha! — Alguém arqueja. O silêncio abate-se sobre a sala e, quando as portas se abrem e entra um homem, uma idosa grita. Não passa de um paciente, mas, com notícias deste calibre, é difícil não pensar o pior de toda a gente. É difícil não ceder ao medo.



## CAMILLE

Não vou contar-vos tudo. Apenas aquilo que acho que devem saber.

Conheci-o na rua. Na esquina de alguma rua da cidade, que passa por baixo da linha «L» do metro. Era um local cru e sujo. Os edifícios e a linha férrea não deixavam passar luz. Carros estacionados, vigas de aço, cones de obras cor de laranja enchiam a estrada. As pessoas, gente normal de Chicago. A mistura eclética quotidiana de *hipsters*, *steampunk*, sem-abrigo, prostitutas, a elite social.

Eu seguia a pé. Não sabia para onde ia. À minha volta, a cidade zumbia. Aparelhos de ar condicionado largavam pingos desde o alto; um sem-abrigo pedia dinheiro. Um pregador de rua estava na beira do passeio, a espumar da boca, dizendo-nos que estávamos condenados ao Inferno.

Passei por um tipo na rua. Eu ia na outra direção. Não sabia quem ele era, mas conhecia o estilo. O típico antigo miúdo rico do preparatório que nunca confraternizava com a escumalha das escolas públicas como eu. Agora, já adulto, trabalhava no centro financeiro da cidade e fazia compras na Whole Foods. É o que se chamaria um *chad*, embora o seu nome fosse provavelmente algo como Luke, Miles, Brad. Algo presunçoso, rígido, excessivamente vulgar. Mundano. Anuiu com a cabeça e sorriu, de um modo que indicava que as mulheres cediam facilmente ao seu encanto. Mas não eu.

Virei costas e continuei a caminhar, não lhe dando sequer a satisfação de um sorriso.

Senti os olhos dele a fixarem-se nas minhas costas.

Espreitei o meu reflexo na montra de uma loja. O meu cabelo, comprido, liso, com franja; cor de ferrugem, a estender-se até meio

das costas, sobre os ombros de uma t-shirt azul-ártico que combinava com os meus olhos.

Percebi para onde olhava aquele *chad*.

Passei uma mão pelo cabelo. Eu não estava nada mal.

Lá em cima, o «L» estrondeou ao passar. Fez barulho, mas não o suficiente para abafar o pregador de rua. Adúlteros, rameiras, blasfemos, glutões. Todos nós estávamos condenados.

O dia estava quente. Não só era verão, como estava um calor de morte. Uns 35 graus. Tudo cheirava mal, a esgoto. O cheiro a lixo quase me fez vomitar ao passar numa viela. O ar quente prendia o cheiro, pelo que não havia escapatória, tal como não havia escapatória ao calor.

Eu olhava para cima, para o «L», tentando orientar-me. Pensei que horas seriam. Conhecia todos os relógios da cidade. O Peacock, o Father Time, o Marshall Field's. Quatro relógios no Edifício Wrigley, pelo que, independentemente de onde se viesse, dava sempre para ver um relógio. Mas ali, na esquina onde me encontrava, não havia relógios.

Não vi o semáforo diante de mim passar a vermelho. Não vi o táxi a aproximar-se a grande velocidade, correndo contra outro táxi para apanhar um serviço ao fundo da rua. Pisei a rua com ambos os pés.

Senti-o primeiro. Senti o aperto da mão dele a agarrar-me o pulso como um alicate para me imobilizar.

Num instante, apaixonei-me por aquela mão — calorosa, competente, determinada. Protetora. Os dedos dele eram grossos; as mãos, grandes, com unhas curtas e limpas. Havia também uma pequena tatuagem, um glifo na pele entre o polegar e os outros dedos. Algo pequeno e pontiagudo, como o pico de uma montanha. Por um minuto, foi tudo o que vi. Aquele pico de montanha preto.

O aperto dele revelou-se forte e veloz. Deteve-me num ápice. Um segundo depois, o táxi passou a grande velocidade, nem a 15 centímetros dos meus pés. Senti a velocidade no rosto. A deslocação do carro empurrou-me e depois sugou-me ao passar por mim. Vi apenas um clarão de cores; senti a brisa. Não vi o táxi a passar disparado,

só quando já acelerava pela rua fora. Só então percebi como estivera perto de morrer atropelada.

Lá no alto, o «L» chiou ao travar nos carris.

Olhei para baixo. Ali estava a mão dele. O meu olhar subiu até ao pulso, ao braço. Até aos olhos dele. Os olhos dele estavam arregalados, as sobrancelhas unidas de preocupação. Estava preocupado comigo. Nunca ninguém se preocupara comigo.

O semáforo passou a verde, mas não nos mexemos. Não falámos. À nossa volta, as pessoas passavam por nós enquanto estávamos no meio do caminho, a bloqueá-las. Decorreu um minuto. Dois. Ele continuava a agarrar-me o pulso. A mão dele era calorosa, viscosa. Estava um tempo húmido. Tão húmido que era difícil respirar. Não havia ar puro. As minhas coxas estavam suadas. Colavam-se-me às calças; a minha t-shirt azul-ártico moldava-se-me ao corpo.

Quando por fim falámos, fizemo-lo ao mesmo tempo. «Foi por pouco.»

Rimos juntos, soltámos um suspiro sincronizado.

Sentia o coração a bater intensamente dentro de mim. Não tinha nada que ver com o quase atropelamento.

Ofereci-lhe um café. Parece tão pouco imaginativo depois do que aconteceu, não é? Tão cliché.

Mas, assim de repente, foi o que me ocorreu.

«Deixa-me oferecer-te um café», disse eu. «Como agradecimento por me teres salvado a vida.» Pestanejei. Pousei a mão no peito dele. E sorri-lhe.

Só então reparei que ele já tinha um café. Na sua outra mão havia uma bebida gelada cheia de frufus. Os nossos olhares incidiram lá ao mesmo tempo. Soltámos um riso meio abafado. Atirou-a para um caixote do lixo e disse: «Faz de conta que não viste aquilo.»

«Não diria que não a um café», acrescentou. Quando sorriu, fê-lo com os olhos.

Contou-me que se chamava Will. Gaguejou um pouco ao dizê-lo, pelo que saiu mais um «Wi-Will». Estava nervoso, sentia-se tímido com as raparigas, tímido comigo. Apreciei isso nele.

Agarrei-lhe na mão e disse: «É um prazer conhecer-te, Wi-Will.»

Sentámo-nos num recanto, lado a lado. Tomámos os nossos cafés. Conversámos; rimos.

Nessa noite houve uma festa, um daqueles eventos nos terraços com vista para a cidade. Uma festa de noivado para os amigos da Sadie, o Jack e a Emily. Ela é que foi convidada, e não eu. Acho que a Emily não gostava muito de mim, mas ainda assim planeei ir, tal como a Cinderela foi ao baile real. Escolhi um vestido, um que fui buscar ao armário da Sadie. Quando me vi ao espelho, mais parecia uma blusa, de tão curto e justo, apesar de a Sadie ser maior do que eu, com os seus ombros amplos e ancas largas. Não havia como ela vestir aquele vestido. Estava a fazer-lhe um favor.

Eu tinha o mau hábito de ir às compras ao armário da Sadie. Certa vez, estava eu ali, sozinha, ou assim pensei, e ouvi umas chaves na porta da entrada. Esgueirei-me do quarto para a sala de estar, chegando apenas um segundo antes dela. Ali estava a minha querida colega de casa, de mãos nas ancas, com um olhar desconfiado.

«Estás com cara de quem andou a fazer das boas», comentou. Eu não contei onde andei a fazer das boas. Não era frequente eu fazer algo de bom. A Sadie era a certinha, não eu.

Aquele vestido não foi a única coisa que lhe tirei. Também usei o cartão de crédito dela para comprar sapatos — umas sandálias metálicas de cunha com uma tira cruzada.

Naquele dia no café falei ao Will da festa de noivado: «Nem sequer nos conhecemos, mas seria parva se não perguntasse. Queres vir comigo?»

«Seria uma honra», respondeu ele, fazendo-me um olhar meigo. Aproximou-se, com o cotovelo a roçar no meu.

Ele foi à festa.

Dei-lhe a morada e disse-lhe que me encontrava lá com ele.

Despedimo-nos por baixo da linha do «L». Vi-o a afastar-se até ser engolido pela multidão de peões. Ainda assim, continuei a olhar.

Estava ansiosa por me encontrar com ele nessa noite.

Mas, por azar, afinal não consegui ir à festa. O destino tinha outros planos para aquela noite.

Mas a Sadie estava lá. A Sadie, que fora convidada para a festa de noivado do Jack e da Emily. Ela estava um espanto. Ele foi logo ter com ela, passou a noite a adulá-la, esqueceu-me.

Eu facilitei a vida à Sadie, convidando-o para a festa. Sempre facilitei a vida à Sadie.

Se não fosse eu, nunca se teriam conhecido. Ele foi meu antes de ser dela.

Ela esquece-se sempre disso.



## ELA PODE TENTAR FUGIR. MAS NÃO VAI CONSEGUIR ESCAPAR... À OUTRA MULHER.

Sadie e Will Foust acabam de se mudar com os dois filhos para uma ilha na costa do Estado do Maine, deixando para trás uma vida em Chicago que lhes trouxe muitos dissabores a nível familiar e profissional. Quando a sua vizinha Morgan Baines é brutalmente assassinada em casa, o homicídio choca a pequena comunidade, mas ninguém fica mais abalado do que Sadie, aterrorizada por haver um assassino por perto.

Mas não é apenas aquele crime que aflige Sadie. É a velha e misteriosa casa que herdaram da irmã de Will, depois de esta se ter suicidado. É a problemática sobrinha adolescente, com a sua presença sombria e ameaçadora. E é o passado conturbado que continua a pesar sobre a estrutura, já frágil, daquela família.

À medida que a investigação ao homicídio prossegue, as suspeitas começam a recair sobre Sadie, que se vê cada vez mais envolvida no mistério da morte de Morgan. Só que Sadie precisa de ter cuidado, pois, quanto mais ela descobre sobre a Sra. Baines, mais se apercebe de tudo o que pode perder se a verdade vier ao de cima.

**«Um thriller psicológico hipnotizante, intenso e dramático.  
Perfeito para fãs de A. J. Finn e Gillian Flynn.»**

*LIBRARY JOURNAL*

LEIA TAMBÉM:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-564-033-1



9 789895 640331

Thriller